

## **O telejornalismo brasileiro vai à guerra: a cobertura da pandemia de coronavírus sob ataques.**<sup>1</sup>

Letícia RENAULT<sup>2</sup>

Universidade de Brasília, UnB, Brasília, DF

### **Resumo**

Este artigo registra e analisa as estratégias utilizadas pelo telejornalismo brasileiro - fonte ainda central de informação no País-, no diálogo público a partir da cobertura da pandemia de coronavírus, o que o colocou em um efetivo campo de batalha com algumas frentes de combate: o vírus, os ataques do governo federal e a infodemia de informações falsas. Lida-se com a hipótese de que a pandemia afetou de tal forma as relações jornalismo/sociedade, que veio modificar sistemas consolidados, tal como o telejornalismo brasileiro. Pergunta-se: - o telejornalismo brasileiro seguirá o mesmo? Discute-se as estratégias de cobertura e enunciação do telejornalismo “em tempo de guerra”, especificamente, três linhas estratégicas adotadas: internas, técnicas e a reconfiguração de seu fazer.

**PALAVRAS-CHAVE:** telejornalismo; telejornal; coronavírus; pandemia; reportagem.

A pandemia de coronavírus impôs ao telejornalismo brasileiro um cenário inédito de cobertura. Pode-se considerar, que os telejornais se viram frente à frente ao desafio de cobrir, pela primeira vez em 70 anos de existência no País, o que pode ser considerada uma guerra imposta à sociedade globalizada, desta vez, em território nacional.

O combate à pandemia de coronavírus e à infecção SARS Covid-19, por tal vírus causada, pode ser comparada a uma guerra, pois por onde eclodiu forçou a imposição de medidas de segurança por governos e autoridades sanitárias, impôs o isolamento às populações, logo, a interdição do espaço público, gerou demanda massiva por atendimento médico hospitalar comparada a momentos de conflitos armados, excedeu a

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Telejornalismo, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

<sup>2</sup> Professora da Universidade de Brasília (UnB) na Faculdade de Comunicação, Departamento de Jornalismo. Letícia Renault fez estágio pós-doutoral no Centro de Estudos em Imagens e Sons Midiáticos (CEISME) da Universidade Sorbonne Paris-Nouvelle 3. Doutora em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB). Mestrado e graduação em Comunicação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: ml\_renault@yahoo.com.br

---

ocupação de leitos de terapia intensiva, enterros coletivos foram saldos cotidianos desta guerra<sup>3</sup>, assim como um quadro de grande incerteza científica sobre como combater e evitar o coronavírus, que até o momento em que este artigo é finalizado, a ciência ainda não sabe, efetivamente, como debelar.

Como em um conflito armado, a pandemia no Brasil suscitou no governo aquilo que Arlindo Machado pontuou como “obsessão militar contra a televisão ao vivo” (2007. p. 267), levando ao cancelamento das entrevistas coletivas diárias organizadas pelo Ministério da Saúde no período inicial da pandemia, em que o ministro Luís Henrique Mandetta<sup>4</sup> e os demais técnicos anunciavam ações e respondiam aos jornalistas. As coletivas transmitidas ao vivo pela televisão tornaram-se grandes eventos de audiência, indicativo da urgência da sociedade por informações para se orientar em momento de risco de morte. Se a transmissão é simultânea, sabe-se “não há a rigor condições de controle efetivo” (MACHADO, 2007, p. 267). O governo cancelou as coletivas na clara intenção de controlar a informação que deve ser pública, demonstrando temer que uma guerra, ainda que contra um vírus, possa ser decidida mais pela televisão do que em batalhas. (MACHADO, 2007, p. 265)

Na pandemia, enquanto o mundo, desacelerou socioeconomicamente em consequência da necessidade de isolamento social, o jornalismo, assim como o campo das ciências biológicas, principalmente, a medicina, foram acelerados, o que significa que passaram a ser extremamente demandados para servir à sociedade com informações e pesquisas no combate ao vírus, respectivamente.

### **Percurso Teórico-metodológico**

O coronavírus comunicou uma urgência por informações, o que no Brasil se traduziu no imediato aumento de audiência dos telejornais, fontes centrais de informação em nossa sociedade. A centralidade do telejornalismo no combate à pandemia fica evidente quando um cineasta ícone do cinema mundial, o francês Jean-Luc Godard gasta o tempo inicial de entrevista que concedeu no auge da pandemia na França em abril deste

---

<sup>3</sup> Reportagem exibida pelo Jornal da Band em 14 de maio exibiu a rotina de sepultamentos nos cemitérios da cidade de São Paulo. Em um foram feitos 85 sepultamentos por dia. Um funcionário de cemitério revelou fazer mais de 30 enterros em um único dia. Todos sepultamentos interditados aos familiares dos mortos por coronavírus.

<sup>4</sup> Ministro da Saúde do Brasil entre 1.º de janeiro de 2019 a 16 de abril de 2020. Foi demitido após o cancelamento das entrevistas coletivas por ter entrado em confronto com o presidente Jair Bolsonaro ao pôr em prática as orientações da Organização Mundial da Saúde (OMS).

---

2020<sup>5</sup> a discutir o papel dos telejornais e as novidades a eles impostas pela necessidade de cobertura do novo vírus e as brutais consequências da pandemia. Godard, um cineasta que subverteu o uso da câmera e da narrativa audiovisual, fez duas observações sobre o império dos telejornais na sociedade indefesa sob a pandemia de coronavírus.

A primeira observação de Jean-Luc Godard diz respeito ao que ele observa ser um “*público privado de ser público*” em decorrência do isolamento social. Sem poder atuar publicamente como público cidadão nas praças, ruas, ir à escola, ao local de trabalho onde ganha o sustento e mesmo ir ao cinema, restou ao público a esfera pública simbólica, no entanto, concreta, mediada em países como o Brasil, em grande escala, pela televisão, meio de comunicação hoje transbordado para as diversas telas acessadas via internet.

Esta privação de atuar como público no espaço público, leva à segunda observação de Jean-Luc Godard, que é o fato dos entrevistados terem assumido o controle das câmeras de seus telefones portáteis para se auto filmarem no afã de responderem às questões nas entrevistas para os telejornais. Um uso da câmera que “*me excede*” avaliou Godard. Se tal produção de imagens por cidadãos anônimos excede a um cineasta que subverteu a linguagem, o que dizer do telejornal, gênero informativo edificado sobre códigos de enquadramentos e rotinas de produção muito definidas?

Este artigo lida com a hipótese de que o fenômeno do vírus afetou de tal forma as relações nos lugares por onde se instalou, que veio modificar sistemas outros; - além dos diretamente envolvidos no combate ao vírus, diga-se, os de saúde pública e/ou instâncias de decisões políticas. Entre os sistemas afetados está o sistema televisivo brasileiro do ponto de vista dos telejornais que produz. Afetado pela premência do distanciamento social, o vírus atingiu o telejornal em suas prerrogativas históricas de produtor de imagens e enunciador de pontos de vista, impedindo-o de seguir rotinas de produção há muito estabelecidas. O telejornal viu-se obrigado a dividir com os entrevistados a primazia do enquadramento e da produção das imagens que exhibe. Esta necessidade imposta pela pandemia de se submeter a olhares produzidos por terceiros, impõe-nos uma pergunta: - o telejornalismo brasileiro voltará a ser o que foi ao longo de sua edificação e centralidade em sociedades como a brasileira?

---

<sup>5</sup> A entrevista do cineasta Jean-Luc Godard ao Prof. Lionel Baier, chefe do Departamento de Cinema da Escola Cantonal de Arte de Lausanne/ECAL pelo Instagram em 07 de abril de 2020 pode ser vista em: <https://www.ecal.ch/fr/4402/evenements/conferences/ecal-instagram-live-jean-luc-godard> Acesso: 07 de abril de 2020.

---

No Brasil, a cobertura da pandemia pelos telejornais operou duas consequências imediatamente visíveis. A primeira delas, a recuperação de audiência perdida. O interesse por informações e a necessidade de compreender a pandemia devolveram aos telejornais uma parcela de audiência que havia sido perdida na última década.

A segunda consequência diz respeito aos telejornais terem sido levados a uma posição frente à sociedade, inédita até então em sua história de sete décadas de emissões diárias e de promoção do diálogo social: a posição de confrontar o governo federal, contrariando um certo “senso comum” de que a televisão brasileira e os telejornais que produz estão sempre a serviço de divulgar a informação que interessa ao governo do momento.

A primeira consequência pode ser demonstrada por dados de audiência divulgados logo no início da chegada da pandemia ao País. O crescimento da audiência no telejornalismo sob a pandemia foi tratado como “explosão” pelo jornal Folha de São Paulo em 19 de março (PADIGLIONE, 2020), enquanto o portal de notícias Terra informou em 22 de março, que o Jornal Nacional da Rede Globo de Televisão “registrou 38,1 pontos de audiência na grande São Paulo, a maior média dele nesta década” (JEFF, 2020).

Este artigo considera que o vírus, ao comunicar o perigo de doença e morte com a brutal pandemia que espalhou, refez o laço entre o telespectador/internauta e o telejornalismo. O vírus comunicou ao cidadão a necessidade de se (re)localizar no mundo, se reorientar, o que o levou de volta à uma fonte tradicional e confiável de informação, o telejornal clássico. Por tal potência em gerar sentido, o telejornalismo obtém simultaneamente o aumento de audiência e a oposição declarada do governo.

### **Paisagem telejornalística de observação: *corpus* de pesquisa**

Este artigo se debruça sobre um *corpus* analítico heterogêneo que se traduz em um grande cenário de observação formado por edições dos telejornais Jornal Nacional e Jornal da Band, por publicações na mídia *on line* que reverberaram no espaço público informações sobre edições destes telejornais e ou informaram sobre agressões a jornalistas de televisão em campo.

O período de observação se iniciou em 26 de fevereiro de 2020, data em que o primeiro caso de infecção por coronavírus foi identificado e divulgado em território

---

brasileiro. O espectro de observação e coleta de dados se encerrou em 23 de agosto de 2020, data em que a imprensa brasileira divulgou a resposta do presidente da República do País ao ser perguntado sobre depósitos em dinheiro encontrados por investigação na conta bancária da Primeira-dama, Michele Bolsonaro feitos pelo ex-policia! Queiróz, amigo do presidente e investigado por corrupção.

### **O telejornal em um campo de batalha com várias frentes**

A pandemia de coronavírus eclodiu nas telas dos telejornais brasileiros como evento jornalístico em duas etapas claramente diversas: a internacional e a nacional. Um evento que se edificou aos poucos, vindo de longe, carregado de um critério jornalístico incontornável: a morte de seres humanos dado a dimensão letal do vírus e guerra biológica travada contra eles sendo perdida na China, outros países asiáticos, em seguida na Itália, e na França, nações da rica Europa.

Na primeira etapa a cobertura se deu com um olhar à distância, como um evento no exterior, reportado pelos correspondentes internacionais, informações e imagens divulgadas pelas agências internacionais de notícias. Nesta primeira fase, a cobertura apresentou ao telespectador brasileiro que pouco a ciência sabia sobre o novo vírus, a covid-19 doença por ele causada e sua alta letalidade nos primeiros países por onde surgiu.

Já a segunda etapa da cobertura se impôs aos telejornais a partir do momento em que o vírus importado foi identificado em território nacional com o primeiro caso oficial registrado na cidade de São Paulo em 26 de fevereiro de 2020<sup>6</sup>. A confirmação de que o coronavírus havia chegado ao Brasil levou a uma intensificação da cobertura de forma que o quadro pandêmico e o combate ao vírus passaram a imperar na pauta jornalística diária. À medida da intensificação da cobertura, progressivamente, os telejornais somaram ou mesclaram ao formato da reportagem, conteúdos e posturas opinativos até então, pouco habituais em seus percursos. É o caso do Jornal Nacional, que se pode considerar, inaugurou uma fase inédita ao se posicionar claramente frente aos desafios impostos pela pandemia aos brasileiros e em relação às ações governamentais, a partir da

---

<sup>6</sup> Para saber mais: <https://www.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/46435-brasil-confirma-primeiro-caso-de-novo-coronavirus>

expansão do evento epidemiológico-sanitário para um debate ampliado sobre as ações de governo frente à pandemia.

Não é a primeira vez que o telejornalismo vai guerra e se vê diante de outras “frentes de batalha” ou “inimigos” para além da cobertura do desenrolar das ações dos atores diretamente envolvidos no conflito, seja ele armado, seja a guerra biológica contra um vírus novo, letal, que a própria ciência está ainda a tentar decifrar. Arlindo Machado (2007) explicitou este território movediço que a televisão, personificada pelo telejornal que produz, já enfrentou em diversos conflitos mundiais. Machado descreveu bem os ataques que a emissora americana CNN, *Cable News Network*<sup>7</sup> e seus jornalistas em campo no Iraque enfrentaram por parte do governo dos Estados Unidos e mesmo da opinião pública americana ao realizarem a histórica cobertura ao vivo dos primeiros bombardeios à Bagdá na chamada Guerra do Golfo<sup>8</sup>.

A cobertura da pandemia alcançou o telejornalismo brasileiro em um momento em que enfrentava uma “infodemia”. O neologismo refere-se a uma situação paralela à um quadro epidêmico de notícias falsas postadas em redes sociais com o intuito de desdizer ou deturpar informações jornalísticas. Esta “infodemia” de notícias falsificadas tem objetivos outros, sejam políticos e/ou econômicos, e visa colocar sob suspeita e desconfiança o jornalismo profissional perante a sociedade brasileira.

Pesquisas já demonstraram a vulnerabilidade de parcela significativa da população brasileira que se deixou convencer por uma “indústria de fabricação” de histórias, as chamadas *fake news*. Este artigo trabalha com o conceito de que se trata de um negócio voltado para a falsificação de informações, a fabricação de rumores, boatos, mentiras com objetivos alheios aos do jornalismo profissional. O propósito deste negócio é criar a dúvida para atender a fins diversos, sejam políticos, econômicos, corporativos e outros, com a “intenção maléfica” de impedir o exercício do livre arbítrio: direito facultado pela democracia (ORESQUES, CONROY, 2012).

As “oficinas de fabricação” de *fake news* visam minar a credibilidade do jornalismo como campo simbólico, logo, a do telejornalismo, fonte jornalística que ainda

---

<sup>7</sup> A emissora americana inaugurou operação no Brasil em 15 de março 2020 sob o período de pandemia. Para CNN-USA siga: <https://edition.cnn.com/>

<sup>8</sup> Conflito armado no Oriente Médio, entre agosto de 1990 e fevereiro de 1991. Começou com uma agressão do Iraque contra o Kuwait e tornou-se um conflito internacional. Forças estrangeiras, lideradas pelos Estados Unidos, conduziram uma operação militar que derrotou os iraquianos e restaurou a soberania ao Kuwait. A equipe da CNN foi a única a ficar em Bagdá para registrar os ataques aéreos. A cobertura trouxe notoriedade internacional à rede americana a cabo.

detém a maior audiência no Brasil. Em 17 de outubro de 2018, pesquisadores das Universidades de São Paulo (USP) e Federal de Minas Gerais (UFMG) publicaram um artigo no jornal *The New York Times* para denunciar que *fake news* “*envenenavam o processo eleitoral brasileiro*” na campanha presidencial daquele ano e pediram que a rede social *WhatsApp* parasse de colaborar com a disseminação de informações falsas no País<sup>9</sup>. Grande parte destas informações falseadas colocavam em dúvida ou negavam as notícias veiculadas pelo jornalismo profissional, visando desacredita-lo.

A segunda frente de combate do telejornalismo tem sido o sistemático ataque do governo Jair Bolsonaro ao jornalismo profissional. Em novembro de 2019, a Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ) denunciou ao Conselho de Comunicação Social no Senado da República, que presidente Jair Bolsonaro, pessoalmente, já havia verbalizado “99 ataques diretos a jornalistas ou à forma como os trabalhos da imprensa são conduzidos pelos profissionais no país”<sup>10</sup> desde a posse. A degradação dos ataques do presidente brasileiro ao jornalismo se agravou ainda mais em 23 de agosto de 2020 quando ameaçou um repórter do Jornal O Globo nos seguintes termos registrados pelos profissionais que faziam a cobertura: - “*Minha vontade é encher tua boca na porrada.*”

11

A atitude frontal do presidente contra o telejornalismo irradiou uma onda de ataques físicos a repórteres pelo País por parte dos seguidores do mandatário e de governos estaduais/municipais alinhados a ele, o que pode ser configurado como uma verdadeira cruzada<sup>12</sup> contra a mídia profissional. Manifestantes passaram a invadir momentos em que repórteres trabalham em transmissões ao vivo, impedindo-os de prosseguir com xingamentos e mesmo agressões físicas. Ao menos três ataques a repórteres de televisão foram registrados pelas câmeras na capital do País em curto espaço de tempo. Em 19 de abril manifestantes bolsonaristas inviabilizaram o trabalho do

<sup>9</sup>Para conhecer o artigo: [https://www.nytimes.com/2018/10/17/opinion/brazil-election-fake-news-whatsapp.html?fbclid=IwAR2UHTzYo4\\_daTFnDkydjN3IMM76GzSNmENRFQ8-wOwFvGuSes2eVQ5GdSE](https://www.nytimes.com/2018/10/17/opinion/brazil-election-fake-news-whatsapp.html?fbclid=IwAR2UHTzYo4_daTFnDkydjN3IMM76GzSNmENRFQ8-wOwFvGuSes2eVQ5GdSE)

<sup>10</sup> Senado Notícias (site). 04/11/2019. Acesso em: 05/11/2019

Disponível em: [https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2019/11/04/bolsonaro-ja-fez-99-ataques-a-imprensa-brasileira-aponta-fenaj?utm\\_medium=share-button&utm\\_source=facebook](https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2019/11/04/bolsonaro-ja-fez-99-ataques-a-imprensa-brasileira-aponta-fenaj?utm_medium=share-button&utm_source=facebook)

<sup>11</sup> Esta foi a resposta do presidente ao ser perguntado sobre depósitos em dinheiro encontrados por investigação na conta bancária da Primeira-dama, Michele Bolsonaro feitos pelo ex-policia Queiróz, amigo do presidente e investigado por corrupção. Para saber mais sobre ameaça ler: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2020/08/23/bolsonaro-ameaca-jornalista-minha-vontade-e-enchere-tua-boca-na-porrada.ghtml> Acesso em: 23 agosto 2020.

<sup>12</sup> Utiliza-se o termo cruzada no sentido histórico das empreitadas lideradas por reis católicos europeus ao Oriente com objetivo de combater outras religiões em nome da fé católica na Idade Média.

repórter Rudá Moreira da CNN Brasília, durante transmissão ao vivo em frente ao quartel general do Exército. Manifestantes confundiram a emissora americana, inaugurada no Brasil em 20 de março de 2020, com a Rede Globo e gritavam “Globo Lixo” enquanto o repórter falava ao vivo<sup>13</sup>. Em 17 de maio, a repórter Clarissa Oliveira foi atacada por uma manifestante com um mastro de bandeira enquanto fazia uma entrada ao vivo da Esplanada dos Ministérios em Brasília<sup>14</sup>.

A repórter Juliana Lopes da CNN, fazia uma entrada ao vivo no Palácio do Planalto em 27 de maio 2020 quando foi interrompida por um apoiador do presidente. Todos estes exemplos são faces visíveis do desrespeito ao trabalho de profissionais em momentos de cobertura, pois já vinham travando uma guerra silenciosa na defesa de sua credibilidade posta em cheque de um lado pelo próprio mandatário do País e de outro pela indústria de falsificações de notícias que passou a operar no País pelas redes sociais partir da campanha eleitoral de 2018.

Por fim, após cancelar as entrevistas coletivas do Ministério da Saúde, o governo federal proibiu a divulgação dos dados diários relativos a mortos e infectados no País, o que levou as empresas jornalísticas a se organizarem para ter a própria contagem. A investida do governo contra o telejornalismo logrou retirar do ar ao menos uma edição nacional. Trata-se da edição do SBT Brasil do Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) que não foi exibida em 23 maio 2020 por ordem do proprietário da emissora, Sílvio Santos<sup>15</sup>.

A chegada da pandemia configurou uma terceira frente de combate, um novo território de risco real para a presença de equipes de reportagem nas ruas e desafios inéditos para cobertura. Quando o País registrou mais de 35 mil mortos pela covid-19, em 6 de junho, o governo retirou dados do site oficial e passou a divulgar os números de mortos e infectados após a edição do Jornal Nacional, maior audiência nacional, sair do ar.<sup>16</sup>

---

<sup>13</sup> Para saber mais sobre a agressão ao repórter da CNN em Brasília:

<https://observatoriodatv.uol.com.br/noticias/manifestantes-pro-bolsonaro-protestam-contr-a-globo-na-cnn-brasil>

<sup>14</sup> A manifestante que agrediu a repórter é a servidora pública Ângela Telma Alves Berger que se diz apoiadora do presidente da República. Para o vídeo com o momento da agressão. Disponível em: <https://twitter.com/i/status/1262108979595001856> Acesso em: 20 agosto 2020.

<sup>15</sup> Para saber mais: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/mauriciostvcer/2020/05/silvio-santos-causa-alar-me-ao-cancelar-uma-edicao-de-telejornal-do-sbt.shtml>

<sup>16</sup> <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/06/06/apos-reduzir-boletim-governo-bolsonaro-retira-dados-acumulados-da-covid-19-de-site-oficial.ghtml>



---

## **Estratégias de cobertura e enunciação do telejornalismo “em tempo de guerra”: análise do *corpus* e dados.**

A realidade de guerra imposta pela pandemia afetou o telejornalismo no cerne de sua natureza, sua gênese<sup>17</sup>, ou seja, no trabalho de reportagem em campo. A reportagem se nutre da entrevista, que como a palavra define, é um encontro face a face entre entrevistado e repórter. Entrevistas para as reportagens passaram a ser inviabilizadas pela necessidade do distanciamento social. Como numa guerra, o telejornalismo armou-se de estratégias para seguir na cobertura cotidiana enfrentando o desafio de seguir em frente sem o cara a cara na reportagem.

A etimologia da palavra estratégia nos leva de volta a sua origem grega. *Stratègós*, de *stratos* que significa exército. *Ago*, significa liderança. O significado original da palavra estratégia caracterizava a "arte do general", que deixou de estar ao lado do exército para estar à distância, no alto das colinas, de onde podia observar o campo, tendo uma melhor posição para decidir o conjunto de ações com as quais vencer a batalha e, talvez, a guerra. A cobertura jornalística de uma pandemia e a crise sanitária dela decorrente exigiram novas estratégias.

O telejornalismo brasileiro adotou três linhas estratégicas na pandemia: internas, técnicas e a reconfiguração de seu fazer.

A reconfiguração da clássica entrevista telejornalística talvez seja a mais visível entre as estratégias adotadas na cobertura da pandemia. Como bem pontuou Jean-Luc Godard, os entrevistados assumiram um novo lugar de fala no telejornal ao se auto enquadrarem por telefones, *laptops* ou *tablets* para responderem aos repórteres. Ao se enquadrar, o entrevistado passou a determinar novo olhar, muitas vezes em desconformidade ou completamente alheio à gramática cinematográfica do telejornalismo. Os novos enquadramentos de câmera impostos pela necessidade de gravar com o entrevistado sem com ele estar fisicamente, muitas vezes desconstruíram os enquadramentos clássicos, trazendo uma certa “anarquia” de enquadramentos para o vídeo.

O entrevistado trouxe enquadramentos improvisados. Quadros às vezes muito próximos, em *close-ups* muito fechados, cabeças falantes enquadradas de baixo para

---

<sup>17</sup> Gênese ou génesis, palavra do grego *Γένεσις*, que significa origem, nascimento, criação e ou princípio.

cima, sem pescoços, em desacordo como o usual primeiro plano do telejornal. Excesso de tetos e entrevistados perdidos em meio a seus ambientes domésticos. A aceitação pelo telejornal desta “anarquia” de enquadramentos que revira a sua linguagem, mas mantém o registro, sinaliza alguma abertura para rever formas de pensar já não mais úteis, pois não funcionaram na emergência imposta pelo vírus, logo o telejornal precisou reinventar-se.

Esta reconfiguração da entrevista veio acompanhada pela renovação da pauta na escalação dos entrevistados rotineiros. Pesquisadores das ciências biológicas, estudiosos de doenças viróticas, profissionais das diversas áreas da saúde e toda a cadeia de profissionais envolvidos na linha de frente de atendimento de saúde aos contaminados e da pesquisa sobre o vírus ganharam visibilidade no debate público que o telejornalismo promove cumprindo o propósito de informar o cidadão.

O Jornal Nacional criou o "Aqui Dentro: profissionais da saúde contam o que vendo, fazendo e sentindo", quadro que até o fechamento deste artigo já tinha dado voz a 86 profissionais de saúde<sup>18</sup> que enviaram depoimentos por eles gravados contando suas rotinas no atendimento aos contaminados. Tais depoimentos evidenciaram as dificuldades enfrentadas pelo sistema de saúde no País, deram voz aos profissionais dispersos geograficamente em locais diversos que, no entanto, reuniram-se no vídeo do telejornalismo em um espaço de enunciação simbólico para fazer frente e desmontar a mensagem governamental de que a pandemia não representa risco à vida dos brasileiros. Ao mesmo tempo, ao evidenciar profissionais de saúde e das ciências, o telejornalismo realçou a relevância destas áreas para a cidadania e a vida em uma sociedade democrática.

A imposição de distanciamento social gerou uma retomada massiva das entradas “ao vivo” de repórteres, atributo intrínseco do telejornal. Com os deslocamentos de equipes de reportagem cerceados pelas medidas de segurança sanitária, as entradas ao vivo suprem bem o material gravado e editado. A entrevista audiovisual ao vivo foi adotada nas redes sociais pelas demais mídias sem tradição audiovisual, reverberando este fazer próprio do telejornal nas demais telas, uma demonstração de que o telejornalismo ao transbordar de emissão em fluxo para conexão nas telas digitais, configura-se em um webtelejornalismo e mantém-se referência audiovisual para meios jornalísticos nativos digitais ou não.

---

<sup>18</sup> Para conhecer mais: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/playlist/aqui-dentro-profissionais-da-saude-contam-o-que-estao-vendo-fazendo-e-sentindo.ghtml>

---

A despeito dos embates sobre os temas que o telejornalismo brasileiro pauta ou não para o debate público, o jornalismo não é um fazer aonde o profissional faz o que quer ou gostaria. O jornalista compromissado com a clareza do debate público faz o que a realidade apresenta à cobertura. Os números de mortos por covid-19 no Brasil superaram as expectativas para um País, que teve algum tempo para preparar o combate ao vírus, desde que este foi identificado na China e informado ao mundo pela OMS. Do ponto de vista da impossibilidade de presença física na cobertura, da distância imposta à vida social, no esforço de dar rostos aos mortos, o telejornal buscou a ajuda de gráficos e artes digitais, alargando a fronteira deste uso em diálogo a linguagem do universo digital.

Do ponto de vista do funcionamento interno das redações e fluxos de produção dos telejornais, a pandemia impôs a adoção de medidas internas que readequaram espaços e práticas nas redações. Os profissionais sujeitos a risco em caso de contaminação pelo vírus passaram a trabalhar de forma remota. Assim como o vírus expôs desigualdades socioeconômicas entre continentes e países, realçou diferenças entre as condições de trabalho dos jornalistas em emissoras com mais ou menos recursos. O futuro dirá se a recessão econômica agravada pela pandemia eliminará ou não os postos de trabalho dos profissionais afastados temporariamente ou postos em home-office.

Em Brasília, em redações com menos recursos como a do Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), produtores ganharam uma nova atribuição: passaram a ser verdadeiros professores de tecnologia dos entrevistados, ensinando-os por telefone, a utilizar as câmeras de *laptops* ou telefones celulares para a gravação e o envio à redação dos vídeos com respostas às entrevistas realizadas remotamente.

A Rede Globo de Televisão exibiu nos telejornais os protocolos adotados para desinfecção de microfones e equipamentos de externa. O Jornal Nacional informou em 4 de maio que a partir daquele dia todos os repórteres passariam a aparecer no vídeo usando máscaras faciais com as quais já trabalhavam na reportagem.

Há muito o repórter de televisão foi obrigado a adotar o colete à prova de balas como equipamento de segurança cotidiano em diversas regiões metropolitanas do País. A adoção da máscara de proteção facial veio apenas reforçar uma situação de risco em que o repórter no jornalismo brasileiro já se encontrava. Mais que isso. A adoção da máscara facial, - medida de segurança preconizada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) - e anunciada como um novo protocolo por um telejornal em rede nacional pode ser vista como um ato político em um País, cujo presidente da República afronta as

---

determinações e protocolos da OMS ao circular em eventos públicos sem máscara a incentivar aglomerações.

Como o telejornalismo, a despeito de não prescindir de tecnologia em equipamentos de gravação e transmissão; é o somatório do esforço humano, do trabalho de pessoas; os profissionais jornalistas seguiram e seguem trabalhando na pandemia, não importa aonde, se na redação, isolados fisicamente dos entrevistados ou nas ruas, à mercê de contaminação, mas ainda em campo.

### **Considerações finais**

A pandemia do coronavírus e os ataques do governo Bolsonaro alcançaram o telejornalismo brasileiro na maturidade de 70 anos de uma existência edificada como fonte central de informação em uma sociedade, que ainda luta contra inúmeras desigualdades, a mais alarmante, o analfabetismo em pleno século XXI.

A análise demonstra que ao seguir descortinando a grave situação da pandemia no Brasil, informando sobre a escalada de mortes e a falta de condições de atendimento de saúde e trabalhando sob os ataques do governo Bolsonaro e seus seguidores, o telejornalismo se reafirmou como campo autônomo, essencial à vida democrática, pois o trabalho jornalístico bem feito que gera a informação de qualidade pode salvar vidas, auxiliar o cidadão a tomar decisões mais embasadas, enfim, pode concretamente melhorar a vida das pessoas.

A pergunta inicial aqui proposta, se o telejornal brasileiro seguirá o mesmo, pode-se considerar responder que o telejornalismo logrou encontrar soluções remotas oferecidas pela tecnologia para vencer a barreira do distanciamento social e manter viva a entrevista que edifica a reportagem. Reportagem esta voltada para informar com excelência em tempos de manipulação de informações pelo governo federal e a indústria de fabricação de versões por ele incentivada. Desta forma, compreende-se que a cobertura da pandemia permitiu a grande parte do telejornalismo produzido no Brasil, dar um passo à frente para se libertar da nuvem de desconfiança que sob ele paira desde a ditadura: a desconfiança de que os telejornais sempre servem aos interesses do governo do momento. A partir das estratégias aqui exemplificadas e analisadas, considera-se que se não se desvencilhou da parcialidade, que historicamente o marcou, o telejornalismo está em construção de um novo estágio no diálogo com a sociedade brasileira.

---

O aumento de audiência indica que o telejornalismo sai fortalecido deste cenário de guerra contra o vírus e de oposição governamental, pois soube se adaptar ao cenário de dificuldades impostas à cobertura pelo distanciamento social e seguiu seu propósito de informar com qualidade, deixando ao telespectador, hoje webtelespectador a decisão de refletir e utilizar as informações como melhor entender.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

JEFF, Benício. **Blog Sala de TV**. Portal Terra. 22/03/20 Disponível em: <https://www.terra.com.br/diversao/tv/blog-sala-de-tv/adeus-boicote-jn-dispara-no-ibope-com-covid-19-e-panelacos,2414606d12007ba541ca880cb111902783yvwbdu.html> Acesso: 27/07/2020

MACHADO, Arlindo. **Pré-cinemas e pós-cinemas**. Campinas, SP: Papyrus, 1997.

---

MATTOS, Sérgio. **A Televisão no Brasil: 50 anos de história (1950-2000)**. Salvador: Ed. PAS, 2000.

ORESQUES, Naomi. CONROAY, Erik. M. **Les marchands de doute**. Paris: Bloomsburry Press. Éditions Le Pommier, 2012.

PADIGLIONE, Cristina. **Audiência do telejornalismo explode durante crise do coronavírus**. 19/03/2020. Folha de São Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/03/audiencia-de-telejornalismo-explode-durante-crise-do-novo-coronavirus.shtml> Acesso: 27/07/2020

RENAULT, Leticia. **Webtelejornalismo**. – Rio de Janeiro; E-papers, 2014.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo** - vol. II Florianópolis: Insular, 2005.

## Links consultados

<https://www.ecal.ch/fr/4402/evenements/conferences/ecal-instagram-live-jean-luc-godard>